

CRISE DO CAPITAL, FINANCEIRIZAÇÃO E EDUCAÇÃO**CRISIS DE CAPITAL, FINANCIACIÓN Y EDUCACIÓN****CAPITAL CRISIS, FINANCIATION AND EDUCATION**Doi: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v11i3.36393>Pedro Leão da Costa Neto¹

O V. 11, N. 3 de *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* vem a lume num quadro de uma grave crise de saúde pública mundial: a velocidade e a gravidade da propagação do Coronavírus. A pandemia causada pelo novo vírus agrava, ainda mais, outras duas crises já anteriormente em andamento: a econômica e a política – não revelando sinais de solução em um curto prazo, estas crises, ao contrário, intensificam-se a cada momento. Nestas condições adversas e instáveis, mudanças significativas podem ocorrer de um momento para outro. Além disso, o quadro atual se agrava por uma intensa disputa político-ideológica e por distintas tentativas de criação de uma grande confusão e desorientação caracterizada por fortes componentes obscurantistas. É urgente, portanto, analisar os diferentes aspectos que compõem esta profunda crise afim de não permanecer irresoluto, mas contribuir para uma efetiva orientação crítica no interior da conjuntura. Ao mesmo tempo, não se deve esquecer o caráter insubstituível de toda reflexão teórica: a sua feição sistemática.

O presente número de *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* chamou os marxistas a discutirem os nexos entre “Crise do capital, financeirização e educação”. Em resposta a este apelo, o número recebeu um conjunto de contribuições que investigam e problematizam os temas propostos, desde suas manifestações conjunturais mais imediatas, passando por diferentes questões históricas, até chegar a análises voltadas aos seus aspectos teóricos mais fundamentais.

Os dois artigos iniciais da Seção Debates procuram problematizar diferentes relações entre o processo de financeirização e a educação. A contribuição de Tatiana Brettas “As bolsas, o crédito e os fundos: a financeirização do ensino superior no capitalismo dependente no Brasil” se fixa em uma análise do processo de financeirização do capitalismo brasileiro, em particular, após 1990. A autora põe em evidência as características deste processo no ensino superior brasileiro e suas relações com o acelerado crescimento das Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, as medidas de incentivo público – como o FIES e o PROUNI – e, por fim, o importante processo de concentração e centralização das instituições deste setor. Por sua vez, Enrique-Javier Diez-Gutierrez nos propõe, em seu escrito “El asalto del capital

financiero a la educación pública”, uma investigação das diferentes estratégias empregadas pelo capital financeiro para efetivar a sua introdução e o seu domínio na educação pública – o que significa a conquista do “último grande mercado” disponível para a expansão do capital e para a criação de uma “Indústria Global de Educação”. Em torno deste assalto da política neoliberal, unificado sob a bandeira da “insustentabilidade das políticas sociais no século XX”, agrupa-se um amplo espectro de forças, composto desde representantes/grupos da extrema-direita até diferentes setores da socialdemocracia.

Na sequência, Elza Margarida de Mendonça Peixoto, André Figueira Brandão, Edson do Espírito Santo, Oswaldo Teodoro dos Santos Filhos e Vania Moraes Lopes no artigo “Crise do capital, crise sanitária, crise política – notas de conjuntura para educadores -” se voltam para a difícil tarefa de oferecer uma análise da conjuntura atual. Para tanto, os autores investigaram a Pandemia de Coronavírus em seus diferentes aspectos e múltiplos impactos – econômicos, sociais, políticos e educacionais. A partir deste quadro geral, apontam-se as graves consequências para as condições de vida, e antes de tudo, da própria sobrevivência física de grandes parcelas das populações pobres do mundo e, em particular, no Brasil, onde a crise sanitária se funde com uma crise econômica e política de grandes proporções. É importante destacar o esforço deste artigo: elaborado a partir de uma exaustiva investigação, procura, por um lado, desmistificar diferentes visões sobre a atual crise sanitária mundial e as suas múltiplas consequências e, por outro, contribuir para a orientação e o discernimento no interior desta grave situação.

Ainda nesta Seção, encontram-se outras importantes contribuições. Em “A sabotagem da Ciência brasileira entre 2016 e 2017”, Roberto Barbosa faz uma análise das consequências sobre a ciência brasileira a partir do golpe político-judiciário de 2016-2017 e nos oferece um panorama dos seus inúmeros desdobramentos: a PEC55, o desmonte da Petrobras e a lei referente ao Pré-sal – destacando que este processo só tende a se aprofundar no governo Bolsonaro, se transformando em uma “união estável entre o Estado e as elites brasileiras e estrangeiras” com suas trágicas consequências nefastas para a ciência e para a cultura brasileira. Podemos dizer que este artigo se antecipava, quase de forma premonitória, ao total despreparo que o Estado brasileiro iria se encontrar frente a crise do Coronavírus. De maneira mais particular, o artigo seguinte, “Future-se S.A.: o “Programa bolsonarista” para as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES)” de Marcelo Lira Silva, realiza uma análise do “Programa Institutos e Universidades Inovadoras: Future-se” apresentado pelo Ministro da Educação do governo Bolsonaro e que representa, segundo as palavras do autor do artigo, “um sistema complexo de cooptação de quadros dirigentes e intelectuais das IFES” e “um sistema de privatização de seus processos administrativo-organizativos, financeiro e didático-pedagógico”.

Por sua vez, Regis Argüelles da Costa em seu escrito “Estado e Políticas Educacionais: Questões Epistemológicas” procura mostrar a trama existente entre o debate epistemológico no campo das políticas educacionais, a inflexão pós-moderna e pós-estruturalista no interior das Ciências Humanas. Ao mesmo tempo, a autora busca relacionar essa trama com as condições históricas criadas a partir da crise de acumulação capitalista do começo dos anos 1970 e as diferentes respostas dadas pela burguesia à essa mesma crise e suas implicações para as relações de trabalho e as exigências da formação de um novo tipo de

trabalhador adaptado ao novo padrão de acumulação, assim como, as transformações consequentes no ensino formal.

O artigo seguinte nos remete a um importante momento da história recente do Brasil e da assim chamada “Nova República” que agora vive o seu definitivo ocaso. Arlindo Lins de Melo Júnior, Luiz Bezerra Neto e Jackeline Silva Alves no artigo “Trajetória da Pedagogia Histórico-crítica: um olhar sobre a formação e prática pedagógica de professores” procuram mostrar como a Pedagogia Histórico-crítica representou, no interior da conjuntura histórica do final anos 1970 e anos 1980 - anos finais da Ditadura Militar e início do governo Sarney -, uma resposta teórica as diferentes Pedagogias hegemônicas: a pedagogia tradicional, a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista, assim como, no interior do campo crítico às teorias crítico-reprodutivistas.

Para finalizar esta Seção, apresentamos duas análises teóricas, de caráter mais geral, voltadas a problematizar os conceitos de Crise e Dinheiro de crédito a partir de uma perspectiva marxista. Os artigos de Jadir Antunes e de Ricardo Pereira de Melo estão voltados ao entendimento de questões teórico-conceituais destas importantes categorias, assim como, de suas contribuições para a problematização e o aprofundamento das questões históricas e conceituais. O primeiro, “Os planos de elaboração de *O Capital* e o problema da crise capitalista em Marx” procura analisar, a partir de uma leitura de *O Capital* e de um diálogo crítico com diferentes autores da tradição marxista, a relação indissociável entre a dimensão econômica e a dimensão política da Crise, articulando-os a questões relevantes do projeto marxista de *Crítica da Economia Política*: o método de exposição de *O Capital* e o problema dos diferentes planos de redação de *O Capital* de Marx. O segundo escrito, “Reflexões sobre o dinheiro de crédito em Marx” realiza uma análise do método de exposição de Marx da categoria dinheiro de crédito e a partir dela procura identificar as possibilidades que oferece para o entendimento e crítica das formas fetichizadas da produção capitalistas, assim como, contribuir para compreender o sistema avançado de crédito na obra de Marx e do seu lugar no interior da totalidade da produção capitalista.

A Seção Artigos reúne um conjunto de manuscritos sobre a teoria marxista e suas diferentes contribuições para pensar as Ciências Humanas e a Educação. O artigo “Aportes teóricos e metodológicos para a História da Ciência com base no Materialismo Histórico-Dialético” de Andriel Rodrigo Colturato e Luciana Massi tem por objeto, a partir de uma análise detalhada dos debates historiográficos e das produções da História da Ciência, contribuir para a elaboração de uma abordagem fundamentada no materialismo histórico-dialético para esta disciplina teórica, corroborando assim para superar diferentes concepções teóricas tradicionais. O artigo “Das “Armas e Religião” nos Cadernos do Cárcere de A. Gramsci” de Giovanni Semeraro está voltado a uma análise das referências presentes nos *Cadernos do Cárcere* de Antonio Gramsci sobre a relação entre “as armas e a religião” e da sua importância para problematizar as relações entre Estado e Política, estrutura e superestrutura, força e consenso e para a compreensão do conceito de hegemonia, entre outras questões – o artigo, em sua parte final, se ocupa igualmente com algumas notas sobre a atual conjuntura brasileira. Por sua vez, Stefan Gandler, no texto “Adolfo Sanchez Vázquez: El concepto de conocimiento en el debate marxista”, procura identificar a contribuição do marxista hispano-

mexicano para a elaboração de uma crítica das “concepções filosóficas do conhecimento em geral” e das diferentes “concepções marxistas do conhecimento” e, em particular das contribuições de Louis Althusser. Em o “Trabalho e educação: o processo da existência humana” Vanderlei Amboni, parte de uma reflexão teórica mais geral sobre o trabalho, sobre o seu caráter de “mediação entre o hominídeo e a natureza” e da sua contribuição no processo de hominização. O autor investiga também o longo processo de devir histórico no qual “o homem criou vários tipos de formações humanas e a divisão da sociedade”, as sociedades de classe – processo que criou, ao mesmo tempo, a arte, as religiões e as diferentes formas de vida social. Em “Pedagogia Socialista e Política Educacional: debate acerca da Politécnica”, Leonardo Dorneles Gonçalves, Magda Cruz dos Santos e Conceição Paludo retornam ao conceito de Politécnica – conceito central para uma Pedagogia marxista – detendo-se em dois importantes momentos da sua história: a Escola Politécnica na Revolução Russa (analisando as contribuições de Moisey Pistrak e Viktor Shulgin) e no debate sobre a politécnica desenvolvido no pensamento educacional brasileiro, a partir das contribuições de Paolo Nosella (que elaborou suas concepções em um diálogo com o marxista italiano Mario Manacorda). No artigo “Arte sob a perspectiva do marxismo: uma atividade humana potencialmente humanizadora”, Mércia Santana Mathias e Luciana Cristina Salvatti Coutinho analisam, a partir da perspectiva marxista, o problema da importância da arte e da sua presença ao longo da existência humana, dando ênfase a contribuição do marxista austríaco Ernst Fischer. Regis Clemente da Costa no seu artigo “A Práxis Marxista e o Intelectual Orgânico em Gramsci: A Emancipação Humana como horizonte” estabelece uma discussão entre os conceitos de práxis em Marx, de intelectual orgânico em Gramsci e de suas inter-relações com o conceito de emancipação humana, na medida que está sublinhando uma dimensão teórico-prática naqueles conceitos. Evandro Coggo Cristofolletti e Milena Pavan Serafim em sua contribuição “Notas sobre a Extensão Universitária a partir de Gramsci”, procuram, a partir de uma investigação da obra de Gramsci e de diferentes comentadores, estabelecer uma relação entre os conceitos de hegemonia, política, ideologia e intelectuais orgânicos e o problema da Extensão Universitária e de sua função. Fernanda Bartoly Gonçalves de Lima em seu “A constituição da educação escolar moderna: do viés emancipador à estagnação conservadora” investiga o processo de “constituição da escola moderna como forma dominante de educação” analisando as transformações ocorridas no “complexo educativo”, detendo-se nas possibilidades da educação em contribuir para o processo de emancipação humana. As duas contribuições seguintes analisam dois aspectos da área da Educação Física, no primeiro: “Participação política do professorado de Educação Física no Movimento sindical” Giovanni Felipe Ernst Frizzo, Leonardo Lemos Silveira e Ivan Bremm de Oliveira apresentam os resultados de uma pesquisa realizada com professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino da cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, sobre a participação política destes profissionais no movimento sindical e da sua relação com o processo de reestruturação produtiva, das transformações no processo de trabalho e dos seus impactos no processo de formação do profissional de Educação Física que encontram uma expressão na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos “parâmetros de formação articulada nacionalmente” e na aprovação da recente Reforma do Ensino Médio. O segundo artigo, “As (novas) diretrizes curriculares nacionais da educação física: a fragmentação

repaginada” de Osvaldo Galdino dos Santos Júnior e Robson dos Santos Bastos está voltado a uma análise do processo de fragmentação na formação do profissional de Educação Física resultante das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física do ano de 2018 e se detém nos debates que antecederam a sua aprovação. Por fim, o último artigo, “Wittgenstein como Pós-Moderno: o caso da Filosofia da Educação Matemática” de autoria de Guilherme Wagner e Everaldo Silveira está voltado a uma análise do processo de apropriação da filosofia de Ludwig Wittgenstein para o ensino da matemática, caracterizada por uma concepção marcadamente pós-moderna e uma perspectiva neopragmatista de caráter neotecnicista.

Na Seção *Entrevista* trazemos a contribuição da Professora Virginia Fontes, intelectual marxista e militante política que dispensa qualquer apresentação, na qual ela se ocupa de um conjunto de questões prementes, entre as quais: as características do capitalismo no século XXI, do debate sobre a crise capitalista e da inserção, no interior da formação social brasileira, sobre a ascensão dos governos de direita e dos seus projetos, sobre as consequências da crise do coronavírus e sobre a situação e perspectivas da classe trabalhadora neste cenário.

Como Documento, reproduzimos a Conferência de V.I. Lenin “Sobre o Estado” realizada em julho de 1919 na Universidade Comunista Sverdlov. Voltada para a formação dos quadros do partido, essa breve e importante conferência contribui para a compreensão da natureza do Estado, ainda mais indispensável, em um momento de grave crise como este que estamos vivendo.

Por fim, a última Seção – Resenhas –, reúne três diferentes contribuições. A primeira, “Revisitando ‘Marxist Theories Of Imperialism’, de Anthony Brewer” escrita por Samuel Spellmann que retorna ao conhecido livro texto sobre o Imperialismo publicado originalmente em 1980. Na segunda resenha, Hander Andrés Henao nos apresenta a entrevista, com o Vice-presidente da Bolívia, deposto em recente golpe de estado, “Valor y Comunidad: Reencuentro Marxista y Boliviano. Una Conversacion con Álvaro García Linera” realizada pela professora Josefa Salmón, boliviana especialista em estudos literários e catedrática da Universidade de New Orleans. Por fim, a terceira resenha de autoria de Ana Carla Gomes nos traz uma análise do livro de Luiz Carlos Freitas, publicado em 2018, “A reforma Empresarial da Educação – Nova direita, velhas ideias”.

Não é necessário lembrar que este número aparece no interior da mais grave conjuntura, desde o aparecimento da revista, crise de dimensões mundiais e que toca, diretamente, em primeiro lugar, a questão da própria preservação física da vida de trabalhadores e das populações pobres do planeta. E, é neste sentido, que esperamos que este número possa ajudar para uma orientação no seu interior e de alguma forma contribuir para a construção de um pólo capaz de defender uma política de defesa intransigente dos interesses da classe trabalhadora e dos setores populares que impeça que o ônus da crise e da catástrofe sanitária recaia sobre eles e que, novamente, a saída da crise signifique uma, ainda, maior exploração, opressão e desgraça.

Por fim, é ainda prematuro afirmar se esta crise terá dimensões que permitam uma mudança de proporções históricas, independente da sua direção, como ocasionou no passado a peste em Atenas (Tucídides) e no final da Idade Média (Boccaccio).²

Referências

OCHOCKI, Aleksander. *Kryzys i Filozofia*. Varsóvia, Spacja, 1993.

Notas:

- ¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de Varsóvia - Polônia. Professor do Curso de História e do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Tuiuti do Paraná. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5377-6468> Endereço eletrônico: pedro.costa@utp.br
- ² O filósofo polonês, recém falecido, Aleksander Ochocki em seu livro *Kryzys i Filozofia* (Crise e Filosofia), em particular no seu primeiro capítulo “Filha da crise” chamou a atenção sobre esta relação entre a peste, crise histórica e o nascimento de filosofias (OCHOCKI, 1993, p.5-28). Aliás, as sombrias descrições de Tucídides na *Guerra do Peloponeso*, de Lucrecio no final de sua *Natureza das Coisas* e de Boccaccio em sua Introdução ao *Decameron*, entre outros, que pareciam definitivamente pertencer a um passado totalmente esquecido parecem voltar, com intensidade, a fazer parte do nosso universo cotidiano.

Recebido em: 17.04.2020
Publicado em: 20.04.2020